

PATRÍCIA CORDEIRO
DA EQUIPE DE O P OIT

Numa mistura bem à brasileira, o kitesurf - nova febre no verão nordestino - combina equipamentos e manobras do surfe, windsurfe, snowboard e skate, com o detalhe de usar uma kite (pipa) para sustentar o atleta no vento. O esporte, onde apesar do nome o atleta não surfa, veleja, foi iniciado na França na década de 70 e hoje ganha as praias do litoral potiguar e atrai praticantes de todas as partes do mundo, que vêm no Brasil condições favoráveis de vento e clima para a prática da modalidade.

No Rio Grande do Norte, basta passear um pouco pelas praias do Litoral Norte e Sul para encontrar grupos de velejadores arriscando suas manobras e riscando o horizonte com as cores nada discretas de suas pipas. Em Pirangi do Norte, onde surgiu a primeira escola de kitesurf do estado, o mar é tomado por eles no fim de tarde, basta que haja vento suficiente para a prática.

Maracajá, Jacumã, Pipa, Búzios e São Miguel do Gostoso também são destinos certos para quem gosta do esporte, seja para aprender, praticar ou apenas assistir. Na Ponta do Santo Cristo, em São Miguel do Gostoso, um grupo de italianos não deixa escapar um único dia de sol e vento para lançar suas pranchas e pipas ao mar, exibindo saltos e manobras impensáveis em outro esporte aquático.

O italiano Eugenio Pavone, 36, surfa desde o 18 anos, e hoje é instrutor de wind e de kitesurf em São Miguel. Ele acredita que a diferença entre os outros esportes de prancha para o kite é a maleabilidade das manobras, proporcionada pela pipa, dando um diferencial incentivador ao atleta. "Não há no surfe ou no windsurfe a graça de manobrar como no kite. Temos uma liberdade maior de movimentos, de saltos. Não parece, mas a diferença é grande", afirma.

O professor de kite Ricardo Cardoso concorda. Assim como Eugenio, ele acredita na liberdade proporcionada pela pipa e pela prancha, tornando-o a modalidade a mais divertida em sua categoria. "É um esporte que mistura todos os outros, que nos dá mais condições de manobras e que diverte muito mais. Até mesmo para quem está assistindo".

Para o kitesurf, a idade não é atributo de seleção esportiva. Ao menos para começar a prática. Exemplo disso é o vice-campeão brasileiro de kite, Reno Romeu, que com apenas 15 anos faz parte da seleção brasileira e está entre os melhores do mundo, atrás de atletas como Guilly Brando - primeiro lugar no Brasil.

"É preciso muito treino e muita prática para se chegar a campeonatos aqui no Brasil. O nível dos competidores é alto, mas ainda há pouca gente que o alcance. Tenho 15 anos, e disputo com atletas de 25, de 20. É uma mistura", explica Reno.

Embora a mescla etária das competições seja grande, o kitesurf exige disposição, força física e muito condicionamento do atleta. Esses requisitos são fatores de eliminação não para a prática, mas para a competição. "O cara pode chegar aos 50 e conseguir aprender o kite. Mas vai ser difícil que ele faça as manobras mais difíceis. E ainda assim, é mais fácil você praticar com a pipa quando se tem mais idade do que com o wind(surfe), por exemplo, onde os equipamentos são pesados e exigem muito mais do atleta", afirma Ricardo Cardoso.

Aprender a velejar com kite exige um investimento razoável. As aulas no estado custam em média R\$ 85 por hora, e para sair da escola com o mínimo de condições de praticar sozinho, o aluno chega a gastar R\$ 500. "Isso fora o custo do equipamento. Geralmente, os iniciantes compram material de segunda mão, e gastam cerca de R\$ 1,5 mil. Com novos, o investimento é maior que R\$ 3 mil", mostra Ricardo Cardoso.

Mas não adianta achar que, uma vez equilibrado na prancha e dominando a pipa, você está pronto para se aventurar sozinho por aí. O professor alerta que, por ser um esporte onde o protagonista é o vento, não se pode confiar na sorte. "Leva um tempo para que o aluno aprenda a medir a velocidade, direção e intensidade do vento. Recomendamos que, uma vez saído da escola, ele pratique próximo a pontos de encontro, ou mesmo da própria escola. Não vá sair por aí velejando sozinho porque não é nada seguro, um vento mais forte ou numa direção contrária à areia pode levá-lo para dentro do mar, causando problemas", declara o professor.



Kite agita o verão

VENTANIA COMBINAÇÃO DE SURF, WINDSURF, SNOWBOARD E SKATE DEU EM KITESURF, ESPORTE DE PRAIA QUE TEM VÁRIOS POINTS NO ESTADO

Esporte incrementa o turismo e a economia

O fluxo de turistas estrangeiros que procuram o Brasil, o Nordeste em especial, para a prática do kitesurf têm aumentado a cada ano. E não só eles, mas praticantes do sul e sudeste do país acharam em cidades como Natal e Fortaleza as condições quase perfeitas para treino de kite: ventos fortes, praias limpas e com boa variação de ondas.

Segundo Ricardo Cardoso, o esporte começou a ter mais incentivo das autoridades e setor privado no ano passado, quando passou a ser divulgado com frequência na mídia. A partir daí, ele acredita que a modalidade proporciona oportunidades de negócios e desenvolvimento turístico, inclusive no RN.

"Essas pessoas que vêm para cá treinar passam meses, hospedados em hotéis, com suas famílias. E eles gastam bastante, passeando e conhecendo as praias, procurando onde praticar. E isso é visível em quase todos os pontos de encontro de velejadores nas praias do Litoral Sul e Norte do estado", afirma o esportista.

Exemplo disso é o número de italianos - maioria na prática do kite por estrangeiros em Natal e adjacências - que frequentam a Ponta do Santo Cristo, em São Miguel do Gostoso. Na tarde da quinta-feira (02/02), nove pipas podiam ser contadas, e mais de 11 italianos passavam a tarde embaixo de uma palhoça, bebendo água-de-coco ou velejando.

A dona de pousada Maristela Teixeira, 50, confirma a tese do instrutor, afirmando que desde outubro passado sua pousada tem estado lotada, em sua maioria por estrangeiros praticantes do esporte. "Eles valorizam muito o nosso estado, e trazem dinheiro e desenvolvimento. É mais fácil um estrangeiro conhecer São Miguel que um natalense saber que isso aqui existe", acredita ela.

PERSONAGEM

Um ano mais novo que o vice-campeão brasileiro, João Maria Costa, o Leleu, já é figura conhecida em São Miguel do Gostoso. Com 14 anos, o velejador não passou pelo surf ou pelo windsurf para chegar ao kite, mas é tido como promessa potiguar na modalidade da pipa, e um dos poucos nativos a ser instrutor do esporte na região.

Desde os 12 anos Leleu pratica o kitesurf. Ensinado pelo Chico del Croce, italiano radicado no RN e pioneiro do ensino no Litoral Norte, o garoto diz-se apaixonado pelo esporte. Sai do mar com a desmoltura dos veteranos, e tem no linguajar termos específicos da prática do velejo, calculando a velocidade atingida no mar em nós e exemplificando as manobras com a propriedade de um professor.

"Passei dois meses treinando, até que o Chico e convidou para ser monitor com ele nas aulas. Aprendi rápido, mas ainda existem manobras complicadas. Não há aquela mais difícil, porque sempre que você aprende uma, vem alguém com outra mais difícil ainda, e você fica tentando copiar. Mas não dá para desistir", diz o velejador.



Conheça os equipamentos necessários para a prática do kitesurf, e quanto custa, em média, alguns deles:

Kite ou pipa

Modelo Foil - tem a vantagem de 40 a 45% maior performance que os modelos infláveis de uma superfície, um ângulo numa janela de vento maior. Pode ser usado com 2, 3 ou 4 linhas. Produzido com tecido importado Gylvenor, duplamente silicônico que confere impermeabilidade e ao mesmo tempo é um repelente à água. Linhas dyneema de alta resistência com baixa elasticidade (pre-estiradas) e mínima absorção de água. **Custo:** Média - US\$ 1,5 mil, o que equivale a cerca de R\$ 3,4 mil.

Cinto e gancho

Conecta o praticante à barra ou aos manetes, existem modelos mais simples e outros mais sofisticados para longas sessões de kitesurf.

Trapézio

Similar aos usados nas academias, dão a volta no tronco do atleta e sustentam os ganchos usados para dar tração à pipa, prendendo-a ao corpo do velejador. **Custo:** US\$ 150, ou R\$ 350, em média.

Jane Azevedo/Diário da Arte

Linhas principais

Linhas aramida technora cousin 2,15mm - 230kg. Estas linhas normalmente confeccionadas por Kevlar apresentam elasticidade mínima e alta resistência e conectam a barra ao Kite.

Barra

Com a barra o praticante dirige a pipa e usa de apoio nas manobras. **Custo:** em média, US\$ 300, ou R\$ 700.

Pranchas

São desenvolvidas para uso específico, normalmente utiliza-se pranchas maiores e mais fáceis no começo até que se confirme o desenvolvimento, utiliza-se pranchas menores. Possuem alças reguláveis para fixar o pé e permitir o direcionamento e manobras. **Custo:** varia de US\$ 700, ou R\$ 1,5 mil.

Saiba aonde aprender e conhecer mais sobre o kitesurf:

Kitesurf school, praia de Pipa: 9982.8708
Sossego surfcamp, praia de Pipa: 9953.2281
Kitecenter, praia de Pirangi do Norte: 9987.9399
Praia de Piratibúzios, instrutor Paulo: 3234.3021/9982.5867
São Miguel do Gostoso: www.chicodelcroce.it

SITES:
www.kitesurfmania.com.br
www.windsurfmania.com.br